

## A BUSCA POR UM ENSINO-APRENDIZAGEM MAIS EFICIENTE (ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL)

MÔNICA VAZ LIMA<sup>1</sup>

ANA PAULA NOBRE DA CUNHA<sup>2</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – vazmonica58@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – apncunha@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Relato da experiência de estágio em uma escola pública de ensino Fundamental no município de Pelotas, Escola Dona Mariana Eufrásia, com restrições quanto ao uso de recursos tecnológicos. O adiantamento era o 6º ano, turma B, na disciplina de Português. Uma turma de tamanho mediano, 20 alunos (destes, duas crianças com necessidade de atendimento especial), onde a maioria diz não gostar de ir para a escola. Observei a turma durante 15 períodos: a metodologia das aulas era a tradicional, conteúdo apresentado de forma expositiva, alunos em fileira e com regra de silêncio. A matéria de uma apostila, preferida pela professora, era passada no quadro e os alunos copiavam.

O estágio de regência, foi na sequência e com a mesma turma. A proposta de trazer o texto como base para desenvolver as habilidades de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, como a BNCC orienta e seguindo a proposta de IRANDÉ (2014, cap 13, p. 148-149) quanto a abordagem reflexiva da componente curricular do Português, considerando a aprendizagem: - de uma gramática contextualizada; - vinculada ao exercício da compreensão de sentidos e interações; procurar perceber como os itens gramaticais concorrem para a significação e que efeitos de sentido provocam; - voltada para a observação da língua real; - crítica, investigativa, inquieta vinculada a um ensino que desenvolve também a habilidade de ‘perguntar’; aberta, flexível, propícia à aceitação das alterações e mudanças que vão surgindo; da totalidade, dando lugar ao mundo fantástico do léxico, com toda a sua multissignificação e dinamicidade; de relevância discursiva, que vai muito além da frase, para incluir um estudo das propriedades dos textos, do sintático e do pragmático, entre outros.

Em relação a abordagem, vendo a escola como um espaço social, buscamos na metodologia centrada no aluno (ROGERS 1973, 1977 e 1986, *apud* SOUZA, 2021) e de forma cooperativa (PEREIRA E SANCHES, 2013) uma possibilidade de cativar o aluno com o aprendizado da língua materna; por meio de uma maior observação de cada indivíduo, ouvir suas reclamações e ponderar sobre, tentando colocar os alunos no centro do processo educativo; objetivamos instigar os alunos a buscar o entendimento, criando exemplos juntos, de forma cooperativa, vendo as possibilidades de reescrita e tentando ser o mais horizontal possível em nossas interações.

A relevância de nosso relato está na necessidade de tornar as aulas da Língua portuguesa mais atrativas. A importância da busca por alternativas de ensino-aprendizagem da língua materna que possam tornar o aluno mais confiante, que desmistifiquem a quase *inalcançável proficiência* do aluno no português, é baseada em SOUZA (2012, p.3 e 4) que sugere aproximar a teoria da prática e levar

"metodologias diferenciadas para a sala de aula que poderão ser um caminho para tornar as aulas mais atrativas e o aluno mais participativo no processo".

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

Na observação busquei identificar o comportamento dos alunos. Ao passar para a regência, eles preencheram uma ficha com seus gostos e atividades preferidas, para fazermos uma aproximação e tentar tornar o ambiente mais descontraído, tínhamos *playlists* que eles me passaram e eu colocava no meu celular, para quando eles estavam produzindo.

Na interação, focamos a atenção na liberdade de expressão em sala de aula, na inclusão de todos com diálogos abertos, onde todo aluno tivesse voz, buscamos assuntos e atividades que chamassem eles ao diálogo e a reflexão, com textos variados, trabalho em grupo, atividades de escrita conjunta, criação de textos que envolvessem a família na construção; na tentativa de tornar o aprendizado da gramática, das formas e dos sentidos do texto, mais natural dentro do processo de aprendizagem e menos estigmatizado. Quando observava sinais de cansaço, tentava uma atividade lúdica como o jogo da forca, por exemplo.

Inicialmente, fomos aprendendo no quadro, intercalando pequenos textos e as discutidas frases soltas, trazendo assuntos do momento, como as queimadas na Amazônia e no pantanal (alunos demonstraram interesse); e de forma interativa conversamos sobre a classe de palavras acessórias chamada de advérbio, a atividade final foi um sorteio de advérbios e eles deveriam elaborar uma frase com o seu, corrigimos cada uma no quadro e o resultado foi bastante satisfatório. Para o próximo tópico, Discurso Direto (DD) e discurso Indireto (DI), produzi um texto onde predominava o DD, falamos das marcas deste tipo de enunciação, e passamos para o DD, inicialmente tirando as marcas do DD (dois pontos e travessão); em outra aula fiz a linha do tempo dos verbos no indicativo e abordei a mudança do verbo quando houver a transposição de DD para DI, após esta discussão voltamos ao texto e reescrevemos em DD, agora *voltando uma casa* no tempo verbal. Nosso foco principal era facilitar a compreensão e praticar.

O material usado foi principalmente folhas impressas e quadro, esporadicamente vídeo (como a turma não era muito grande, baixei o vídeo e eles viram no meu computador).

Minhas impressões: na regência a turma foi muito receptiva embora apresentem uma certa resistência em relação à aula de Português – Dentro da realidade desta escola, da sala de aula do A6B, o desafio foi, sem acesso a recursos de Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC), conseguir a atenção destes indivíduos – Com o questionário respondido pelos alunos e revendo a teoria das aulas da faculdade, relativas a linguística aplicada ao ensino de português (IRANDÉ, 2003, 2014; TRAVAGLIA, 1998) pratiquei refletir sobre estímulos que favoreçam a aprendizagem e a inclusão (minha e deles) e penso que a possibilidade de explorar os conceitos por meio de textos, levados por mim e elaborados por eles individualmente e em grupo, construindo o conhecimento de forma cooperativa (PEREIRA E SANCHES, 2013), é uma forma mais atrativa do que a expositiva tradicional, mesmo sem acesso as TICs.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diria que até agora tivemos bons resultados nesta experiência. Durante a observação da turma tive a consciência que a abordagem, que mantém as amarras tradicionais, da língua materna precisa mudar. O ensino humanizado, cooperativo, mas centrado no aluno (consciente de sua individualidade e da importância do grupo) e a abordagem reflexiva do conteúdo, baseada em análise de textos (em suas diversas formas) e as atividades mais extrovertidas e interativas, nos pareceu um caminho mais agradável aos alunos; e nos parece um caminho bastante viável para que eles inseridos no social, adquiram o protagonismo no seu processo individual aprendizagem.

Assim, embora conscientes de que meu desempenho poderia ter sido melhor, ao ministrar as aulas do estágio de regência, visando o aproveitamento do aluno (pois a atenção ao processo nos ajuda nos ajustes futuros), ficamos satisfeitas com esta pequena mostra de interação em sala de aula.

Certa de que “é pelo contato que se educa” (ROGERS, *apud* DE LIMA, 2018), agora como futura professora, preciso aprimoramento e aprofundar meus estudos nesta forma de ensino mais humana e cooperativa, com atenção para o que vem sendo estudado pela Linguística Aplicada, com abordagem reflexiva do conteúdo de linguagens, para que com resultados positivos, possamos conquistar outros professores a engajarem-se conosco por uma sala de aula pensada para desenvolver as potencialidades dos alunos. Buscamos uma sala de aula onde a aprendizagem, embora individual, tenha o processo apoiado no grupo, pois o conhecimento é construído em sociedade.

A proficiência no conhecimento quanto aos três pilares que nortearam nossas escolhas para ministrar as aulas da regência: o ensino humanizado, a aprendizagem cooperativa e a abordagem reflexiva do conteúdo de Português, nos abre possibilidades para, dentro da atual situação estrutural da grande maioria das escolas públicas periféricas, buscar engajar o aluno, possibilitando o resgate de sua atenção para o aprendizado da língua materna e isto deverá refletir em uma melhora geral do seu aproveitamento escolar.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada. Limpando o pó das ideias.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- DE LIMA, Letícia Dayane. Teoria humanista: Carl Rogers e a educação. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 4, n. 3, p. 161-161, 2018.
- DA SILVA SOUSA, Isete. Estreitando caminhos para a aprendizagem: Carl Rogers e a teoria da Aprendizagem Centrada no Aluno. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 11, p. 1904-1915, 2021.
- PEREIRA, Marta; SANCHES, Isabel Rodrigues. Aprender com a diversidade: as metodologias de aprendizagem cooperativa na sala de aula. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 24, n. 3, p. 118-139, 2013.
- SOUZA, Wélia Leão de. A linguística Aplicada ao ensino de língua portuguesa: o ensino-aprendizagem da Língua Materna no espaço da sala de aula. **Revista Eventos Pedagógicos**, volume 3, n° 1, Número Especial, p599-610, abril 2012.



TRAVAGLIA, L. C.; ARAÚJO, MHS. LC. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no primeiro e segundo graus.** São Paulo: Editora Cortez, 1998.